

## APRESENTAÇÃO

### AVENTURAS DE EDUCADORES E EDUCADORAS NO AMAZONAS

Guardei e usei tudo que vi, ouvi e observei. Minhas obras foram nutridas por incontáveis indivíduos inocentes e sábios, brilhantes e estúpidos. Infância, maturidade e velhice me trouxeram seus pensamentos, suas perspectivas de vida. Frequentemente colhi o que outros plantaram. Meu trabalho é obra de um ser coletivo que carrega o nome de Goethe.

GOETHE

Partimos do que representa o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad), programa patrocinado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que se filia a uma tendência de cooperação que vem sendo fortalecida na contemporaneidade, na contramão dos processos expansivos de competição e hierarquização. O que significa dizer que temos clareza de, na sociedade capitalista em que vivemos, os processos de cooperação não estarem resguardados dos esquemas classificatórios, hierarquizantes, segregadores e excludentes, que acabam aproximando-os de equipamentos assistencialistas. No caso,

programas consolidados de pós-graduação dariam a mão para apoiar programas emergentes. Como se fosse assim tão simples! Como se a uns, os definidos como consolidados, coubesse ensinar, enquanto aos emergentes, apenas aprender, tendo por horizonte chegar aonde já teriam chegado os consolidados.

Mas nossa pergunta é: quem aprende com quem? Esse talvez tenha sido o aspecto mais rico de nossa participação no Procad/Capes, instituído entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), pois, ao final, quando nos pusemos a avaliar a experiência, concluímos que todos e todas havíamos aprendido, sem qualquer tipo de hierarquização. E este livro é a confirmação do que fomos vivendo em cada encontro. Como Goethe que, não por acaso, chamamos para dar a primeira palavra no livro que ora apresentamos, onde cada texto é obra de um coletivo.

Antes mesmo de aterrissarmos em Manaus, a grandiosidade amazônica provocou em nós tal assombro que não mais nos abandonou e a cada dia se transmutava numa curiosidade cúmplice com o trabalho que estava sendo ali desenvolvido nas pesquisas sobre Cotidiano e Formação de Professores.

Foi se estabelecendo entre os dois grupos, na medida em que nos reuníamos a cada dia, um diálogo crítico e criativo que foi nos levando, surpreendidos todos, a um processo de aprender e ensinar. Aprendíamos ao ensinar, ensinávamos ao aprender, e ao fazê-lo, inesperados emergiam outros saberes, outras veredas de conhecimento se revelavam.

E não é assim que acontece nas pesquisas sobre o cotidiano? Mergulhar no cotidiano é se abrir para a surpresa, o inesperado, a complexidade que se revela, embora deixe sempre muito a ser descoberto. Esse movimento foi vivido pelos dois grupos que se encontravam, deixando-se surpreender pelo que a cada encontro

se revelava e desafiava a compreensão. Isso fez com que, além da rica troca de saberes que entre nós aconteceu o tempo todo, também ocorresse frequentemente a criação de novas explicações para a prática trazida. Portanto, também se produzia teoria em resposta aos desafios da prática.

A cada encontro, novos desdobramentos e fronteiras rompidas, levando todos a novas descobertas e a um respeito recíproco, que ia se consolidando e autorizando um exercício de diferir cada vez mais vivo.

Assim, nessa ambiência amorosa, sem declarações de princípios, sem últimas palavras, foram sendo destituídos arcabouços e andaimes de uma construção cooperativa em que costumam prevalecer esquemas classificatórios, a partir de padrões rígidos, que excluem desde sempre os que Fanon denominou de "os deserdados da terra". A palavra fluía livremente, portando o novo que encantava a todas e a todos.

O processo vivido pelos dois grupos foi configurando uma produção que se expressa nos textos deste livro.

Com humor, Célia Linhares mobiliza os saberes Mura contrastando-os não só com os saberes Canelas e com a trajetória de lutas dos indígenas brasileiros, mas também dos brancos. Sem pressa de dar respostas definitivas, o texto é recorrentemente atravessado por uma marchinha carnavalesca que indaga: índio quer apito? A leitura do texto vai-nos sinalizando que índio quer muito mais do que apito, pois este alegoricamente lembra poderes, comandos que índios não podem declinar. O texto é habitado não só por memórias de ontem, mas por reminiscências nas quais se transfiguram devires em que indígenas ampliam suas afirmações étnicas.

Seguem-se os textos dos agora doutores Andréa Serpa e Ney Luiz Teixeira de Almeida, que eram doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e atuavam nos programas de pesquisa Aleph e Grupalfa,

por ocasião da realização do Seminário Educação Indígena na Faculdade de Educação da UFF, sobre o cotidiano da escola e da formação de professores, o qual reuniu pesquisadores da UFF e da Ufam, para discutir temas que os aproximavam.

Andréa traz ao debate a conversa entre professores que, ao refletir coletivamente sobre suas práticas, inconformadas com o fracasso escolar por estarem comprometidas com a aprendizagem das crianças em processo de alfabetização, vivem nessa trajetória seu próprio processo de formação continuada e, ao fazê-lo, descobrem e teorizam sobre a conversa como rica e inovadora metodologia de pesquisa.

Ney pesquisa a intersectorialidade, focalizando a atuação dos educadores em meio às equipes interdisciplinares e, sobretudo, ressaltando os movimentos que se engendram na constituição de campos de atuação política com o protagonismo de grupos até então marginalizados.

Regina Leite Garcia parte de uma questão para muitos tomada como matéria vencida, ao rediscutir os processos de aprender e ensinar, explorando a importante experiência do Grupalfa. Denuncia os cursos de formação de professores que, em geral, se limitam a ensinar as metodologias de ensino, sem considerar que as aprendizagens requerem dos aprendentes lógicas e metodologias próprias. Compartilhando posições epistemológicas com Enrique Leff, Regina alerta para a necessidade de que sejam criados espaços para que o novo possa vir a ocupá-los.

Esse primeiro bloco de textos resulta do seminário referido. O bloco apresentado a seguir decorre da ação docente e pesquisadora dos colegas da Ufam.

Ana Alcídia de Araujo Moraes, Euciclei Faria dos Santos e Rosa Helena Dias da Silva partem da história comovente dos "senhores das águas", com que os Mura foram de afirmando e praticando atos de resistência à invasão cultural. Ao perderem sua língua original, os Mura incorporam o português como língua-mãe

e fazem da escola um instrumento de elaboração e reapropriação de sua cultura.

Rosa Helena Dias da Silva e José Silvério Baía Horta revitalizam a questão da participação chegando ao protagonismo compartilhado. Para isso, discorrem sobre as diferentes formas de participação nos processos de tomada de decisão e advertem para os perigos da pseudoparticipação e do que-fazer para chegar a uma participação viva quando se pretende uma escola de qualidade para todos.

Ana Alcídia de Araujo Moraes, novamente, Carlos Humberto Correa e Valéria Amed das Chagas Costa inovam no estilo e na forma, trazendo a arte de ensinar com o sabor das receitas indígenas em escolas Mura de Autazes/AM. Aliás, essa é uma velha e fecunda conjunção que herdamos dos gregos, que usavam banquetes e alimentos triviais para aprender conjuntamente.

Para finalizar, Valéria Amed das Chagas Costa, Ana Alcídia de Araujo Moraes e Rosa Helena da Silva nos trazem importante discussão sobre a avaliação, desta vez dando espaço e tempo às perspectivas dos alunos. Outra marca interessante é que a avaliação é tratada sem se afastar do fluxo da vida, capilarizando-se mesmo, para dar vez e voz aos estudantes.

Sem desejar concluir, posto que em nós continua pulsando essa experiência, propomos aos que nos lerão uma reflexão sobre a importância de buscas comuns, diálogos inovadores, retomada de conceitos considerados ultrapassados, coragem de mergulhar nas águas turvas do desconhecido para nelas se encantarem com a surpreendente complexidade que caracteriza o cotidiano da escola e de nossas vidas.

Célia Linhares  
Regina Leite Garcia